

**Eu e o outro: um relato de experiência sobre o trabalho pedagógico escolar com às
semelhanças e diferenças individuais**

Me and the other: an experience report on pedagogical work with similarities and
differences at school

Kevin Lino de Oliveira
Léia de Cássia Fernandes Hegeto
Universidade Federal do Paraná – UFPR
Curitiba / PR – Brasil

Resumo

Este estudo propõe o relato de experiências realizadas durante atividades de intervenção pedagógicas em uma escola pública na cidade de Curitiba/PR. Estas ocorreram no âmbito do projeto de extensão “Planejamento na Organização do Trabalho Pedagógico Escolar na UFPR”. No ano de 2018, foi realizada uma dinâmica intitulada “Eu e o outro: Valores e respeito às semelhanças e as diferenças”, atividade através da qual objetivou-se abordar aspectos importantes do autoconhecimento e do convívio com às semelhanças e diferenças. Os tópicos teórico-metodológicos empregados tangenciam pesquisas de cunho qualitativo, vinculadas aos campos de estudos constituídos no feminismo e nos estudos gênero. As discussões apontam para a necessidade formativa inicial e continuada de professores em temáticas relativas a questões de gênero e pluralidade sociocultural, diante a diversidade e as adversidades do cotidiano escolar.

Palavras-chave: Gênero; Escola; Formação Docente.

Abstract

This study proposes the report of experiences carried out during pedagogical intervention activities in a public school in the city of Curitiba / PR. Those that occurred within the scope of the extension project “Planning in the Organization of School Pedagogical Work at UFPR”. In 2018, a dynamic was held entitled “Me and the other: Values and respect for similarities and differences”, an activity that aimed to address important aspects of self-knowledge and living with similarities and differences. The theoretical and methodological aspects used are related to qualitative research linked to the fields of studies constituted by feminism and gender studies. The discussions point to the initial and continuing training need of teachers on issues related to gender and socio-cultural plurality issues, in view of the diversity and adversities of school routine.

Keywords: Genre. School. Teacher Education.

Introdução

O presente estudo provém do conhecimento construído através de uma sequência de práticas oriundas de um projeto de extensão, realizadas no decorrer de 2018 e vinculadas ao projeto “Planejamento na Organização do Trabalho Pedagógico Escolar” do Departamento de Administração e Planejamento Escolar (DEPLAE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR)¹. Participaram dessas ações alunos de diferentes cursos de licenciatura da mesma Universidade, além de uma equipe diretiva, pedagógica, docente e discente, de uma instituição escolar pública da rede estadual de ensino de Curitiba/Paraná.

A escola em questão localiza-se em um bairro periférico e atende em média 350 alunos por período (manhã e tarde). Tal que, para cada turno, variam-se entre 9 a 10 turmas com uma média de entre 30 a 35 alunos. A instituição é considerada de pequeno a médio porte, tendo em vista o contexto escolar macroregional. A escolha do local baseou-se fundamentalmente pelo contato anterior por parte de alguns integrantes do projeto, elemento este que proporcionou um trabalho coerente e conjunto entre a Universidade e a instituição parceira. A possível devolutiva social do ensino superior público com a educação, em especial a educação básica pública brasileira, foi um dos pontos amplamente discutidos pelos integrantes.

Nota-se que ainda são perseverantes as desigualdades e as disparidades entre os sexos, por consequência dos preconceitos e discriminações, embora hajam evidências das cada vez mais frequentes transformações sociais que estão remodelando antigas tradições e perspectivas quanto às relações e concepções de gênero. A instituição social escola, a educação, e, não obstante, o trabalho docente não se constroem separados da sociedade, acabando por produzir e reproduzir estereótipos sociais vigentes, por vezes colocando os sujeitos escolares em seus “respectivos lugares”.

Diante disto, faz-se um grande desafio educacional a construção de um contexto escolar justo, democrático e igualitário que não apenas promova a paridade entre os sujeitos, mas também os auxilie no processo de construção de locais propícios a convivência e ao diálogo frente a diversidade e as adversidades sociais do cotidiano. São inúmeros os marcadores identitários que constituem os diferentes sujeitos escolares, tais como características físicas, culturais, sociais, étnicas e religiosas. Essas singularidades são fatores

que constituem e guiam modos específicos de ser e agir no interior da sociedade, transformando e desafiando a escola a tornar-se um local marcado pela pluralidade cultural.

Nesse contexto, o planejamento escolar pode tornar-se um instrumento importante de reflexão sobre as práticas, tendo em vista que todas as ações humanas requerem planejamento para certo ocorrerem de maneira fortuita. Enquanto um espaço inclusivo de ensino, a escola deve ter como ponto de partida a busca pela garantia do direito, a todos e todas, de uma educação que tenha como princípio o respeito a diversidade .

Ao discorrer sobre o universo escolar, Castro (2004) compreende que as questões de gênero, sexo e sexualidade, tão diversas quanto polêmicas no interior da escola, assim o são devido a variedade de percepções, crenças e valores sociais. Em seu estudo, o autor realiza um levantamento histórico dessas questões no interior das salas de aula, problematizando as disputas e tensões relacionadas ao tema com o estado, suas conquistas, retrocessos, como no exemplo dos Parâmetros Curriculares para o Ensino Fundamental (PCN's), que garantem curricularmente, desde de 1995, o trabalho com saúde, gênero, pluralidade cultural e meio ambiente - “temáticas transversais” a educação.

Aspectos metodológicos

Neste estudo, os dados analisados são frutos do trabalho dialógico entre alunos e professores em formação inicial, docentes da educação básica pública e de discentes da instituição parceira do projeto de extensão. Foram realizadas intervenções didático pedagógicas com 10 turmas de 6º(s) e 8º(s) anos do Ensino Fundamental. O Critério de escolha das turmas participantes foi determinado pela própria equipe diretiva e pedagógica da instituição que optou por incluir turmas com maiores dificuldades e conflitos interpessoais. Ao partir dessa realidade escolar, desenvolveram-se os “Encontros Culturais e Esportivos da escola”, em diferentes momentos e circunstâncias. Estes foram iniciados, coordenados e mediados por nossos integrantes, bolsistas e voluntários, além da participação de professores convidados para aplicação das oficinas.

De acordo com Creswell (2010), os estudos qualitativos visam o aprofundamento das concepções e valores subjetivos dos sujeitos da pesquisa. Algumas características desse tipo de pesquisa são a ambientação natural, no qual o pesquisador coleta os dados diretamente nos tempos e espaços onde o sujeito insere-se, foco nos sujeitos da pesquisa, e na análise de seus códigos e significados e a obtenção de um caráter descritivo e interpretativo a partir da

*Eu e o outro: um relato de experiência sobre o trabalho pedagógico escolar com às
semelhanças e diferenças individuais*

ótica dos próprios pesquisadores. A análise de Flick (2009) corrobora as características levantadas pelo autor, observando que “a pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (FLICK, 2009, p. 37).

Este artigo objetiva traçar um espectro da cultura escolar da instituição parceira e relatar as diferentes práticas extensionistas desenvolvidas pelo projeto de extensão no ano de 2018, analisando como se constroem as concepções e relações de gênero entre os alunos e alunas, através de uma dinâmica intitulada “Eu e o Outro: valor e respeito às semelhanças e as diferenças”. Buscou-se tratar da importância de tal temática no interior da sala de aula, destacando o papel do professor (a) como mediador (a). Cabe ainda salientar a discussão de Louro (2001; 2010) e Goellner (2009), referência conceitual diversas vezes consultada como fonte de maior importância. Tais autoras, conceituadas na área do conhecimento, discutem às questões de gênero e sua relação para com a educação e a escola.

As discussões de gênero apresentadas são aportadas teoricamente nas produções acadêmicas de relevância no contexto do (s) feminismo (s) e estudos gênero, de maneira interseccional, todavia, tangenciando os estudos culturais, LGBTQ+ e étnico-raciais. Evidenciam-se aspectos sociais, filosóficos e históricos, norteados pelo viés das “diferenças sociais” (LOURO, 2010), tratando essencialmente da forma como estas se constituem e se “naturalizam”, sendo reconhecidas e ou rejeitadas em diversos campos que seguramente permeiam-se.

Para a discussão construída neste artigo, é de suma importância esclarecer a aplicação e o significado de determinados termos. Dessa forma, temos que sexo, segundo Louro (2001), diferencia partes fisiológicas e anatômicas, internas e externas ao corpo, distinguindo homens e mulheres. Tais distinções geralmente partem desde o nascimento, porém possuem significados altamente históricos e sociais que lhes são associados a posteriori. Gênero é entendido como a “condição social através da qual nós nos identificamos como masculinos e femininos. Não é algo natural que está dado, mas é construído social e culturalmente”. (GOELLNER, 2009, p. 11). A sexualidade é compreendida como um constructo social, político e econômico, sendo suas formas nunca dadas, ou acabadas, mas sempre construídas (LOURO, 2010). O androcentrismo é considerado como “um sistema cultural que se constitui em normas e valores que exaltam os sujeitos

masculinos ao valorizar o modelo hegemônico de masculinidade, excluindo as mulheres de posições de privilégios e poder”. (CARVALHO; ANDRADE; JUNQUEIRA, 2009, p. 08).

Contexto da prática

Por tratar-se de um projeto extensionista, um dos primeiros movimentos realizados no interior da escola foi a visita e conversa entre participantes do projeto e alguns alunos selecionados (pela escola), monitores de cada sala atendida. Isto se deu com a pretensão de proporcionar escuta dos anseios da comunidade escolar, aproximando os membros do projeto um contato inicial com a cultura escolar daquela instituição. Foram também apresentados o sentido, objetivos das ações do projeto de extensão e a realização de dinâmicas visando demonstrar a importância do trabalho em equipe, o papel de cada aluno na escola e a função do planejamento e organização naquele local.

O que se segue é fruto desses primeiros diálogos e intervenções escolares. De modo que um dos anseios levantados pelos alunos foi a falta de contato, interação com os demais discentes e docentes do colégio e os constantes conflitos relativos ao convívio no interior e no exterior daquele ambiente. Em diferentes oportunidades, os integrantes do projeto de extensão perceberam diferentes tensões e modos de agir entre colegas e professores, não condizentes ao local onde se encontravam. Quando questionados a refletirem seus papéis enquanto estudantes e sua convivência entre si, os alunos, junto dos professores, propuseram inúmeras ideias e outras carências que a serem mediadas pelos integrantes do projeto de extensão.

Proveniente de um professor em formação em Licenciatura em Educação Física, atividades com movimento foram priorizadas, de modo a propor diferentes atividades culturais, corporais e esportivas que não fizessem parte do contexto habitual das crianças envolvidas. A disciplina de Educação Física mobiliza não apenas aspectos físicos, pois coloca os sujeitos envolvidos em evidência. Através da corporalidade, não encontrada em outras disciplinas, cria-se então um sentir físico, mas também intelectual, que desenvolve em suas práticas características afetivas, relacionais e de contato - muitas vezes, com o “outro, que não sou eu”, que “não concorda ou é igual a mim”.

Em um dos primeiros eventos, intitulado de “Encontros Culturais e Esportivos”ⁱⁱ, foi realizada uma atividade de jogos e brincadeiras com as crianças. Uma das primeiras instruções dadas aos alunos era para formarem duas filas com a mesma quantidade de

*Eu e o outro: um relato de experiência sobre o trabalho pedagógico escolar com às
semelhanças e diferenças individuais*

participantes. Estes primeiros comandos foram dados inúmeras vezes ao longo daquele mesmo dia, em diversas turmas. Para cada turma em que a atividade foi feita obtivemos constituições de grupos e reações diferentes.

Problematizaremos as reações e as interações ocorridas no interior de uma turma em específico - turma essa que, ao final da instrução de formarem filas, tomaram seus lugares chamando a atenção para o viés generificado. Em uma das filas localizaram-se os meninos – eufóricos -, e na outra as meninas – igualmente animadas. Essa pequena conjuntura ali instaurada demonstrou potencial para análise de convivência entre aqueles sujeitos e a cultura escolar por eles vivenciada. Como discute Romero (2010, p.126-127):

no processo social de formação de homens e mulheres inúmeras variáveis atuam, moldando meninas e meninos à assimilação de motivos, atitudes e comportamentos próprios de seu sexo, uma vez que a sociedade como um todo espera que meninos e meninas se comportem de maneira diferente uns dos outros”.

Como no caso descrito acima, as questões de gênero se acentuam nas práticas pedagógicas corporais de modo que meninos e meninas delimitam seus espaços em comum de acordo com seus sexos, numa relação dicotômica de um suposto “certo e errado” que exige dos docentes sapiência na mediação das tensões e conflitos no interior de suas aulas. Outro episódio inusitado na formação dessas mesmas filas foi a de um menino que não ocupava, de acordo com os seus colegas de turma, o seu “devido” lugar, acabando por atrasar a dinâmica da atividade. Tão logo questionamos seu nome e o pedimos para que “tomasse” seu lugar, tendo ele nos respondido que seu nome era “Marcusⁱⁱⁱ!” e que não tomava seu lugar porque “eles não me deixam!”.

A partir disso foi possível verificar que os meninos não o queriam junto, assim como as meninas. Ao mesmo tempo, escutamos a fala de uma menina: “Professor! A Maria tem que vir para a fila das meninas. Porque ela é uma menina, e não pode ficar junto com os meninos!”. Aquela situação foi complicada e tensa. Na negativa de Marcus em ir a fila das meninas, decidimos rapidamente reunir todo o grupo próximo e reorganizá-los em filas aquém de suas características individuais, podendo dar sequência as atividades previstas.

Logo, ao final daquela oficina foi possível conhecer um pouco mais sobre quem eram aqueles alunos que se destacavam de alguma forma, junto com a professora regente. Nas palavras dela, Marcus era “um menino que realmente chamava-se Maria na chamada”. Ainda com ela foi possível descobrir que se tratava de um menino muito indisciplinado que

não gostava de ficar em sala de aula e que possuía inúmeros problemas relacionais com seus colegas e com os professores.

Diante de um contexto escolar marcado pela diferença, foi planejada uma dinâmica baseada no livro: “Educação sobre gênero na infância: caderno de apoio do desafio da igualdade” (2016). Material produzido pela Plan Internacional^{iv} e difundido no Brasil pela Plan Internacional Brasil através do movimento #DesafioDaIgualdade^v. O material pedagógico apoiou de maneira geral todas pessoas tocadas pela causa, e em especial professores, pedagogos, envolvidos na escola que pretendem promover a paridade entre os gêneros e uma educação integral que trabalhe os anseios contemporâneos de nossa sociedade – em suas atividades e práticas.

Foi realizada a dinâmica “Eu e Outro: Valor e respeito às semelhanças e diferenças”, em que trazíamos inicialmente o entendimento de que o ser humano constitui-se enquanto um ser social e, como tal, está em constante interação com os demais que compõem seu mundo. Sendo que essa interação, contudo, nem sempre se dá de forma amena, pois todos os tipos de relações com o “outro, que não sou eu”, aquele que se difere de mim em inúmeros pontos, perpassam, certamente, diferentes e inerentes tensões relativas ao convívio. Embora não seja simples encontrar o equilíbrio diante dos desafios da convivência, ela se faz possível, e certamente indispensável, na vida em sociedade.

Baseado na Atividade 05 - “Concordo ou Discordo”, do material de referência “Caderno de Apoio: Educação sobre Gênero na Infância” (2016), desenvolvemos e aplicamos a brincadeira “Corrida Reflexiva”, com intuito de dar protagonismo crítico aos alunos e movimentar seus corpos. Por meio de reflexões guiadas e lúdicas, abordaram-se questões de gênero, corpo, e esportes, sendo suas falas concepções e valores compartilhados com o coletivo. O intuito de tornar essas falas visíveis, e o diálogo, era o de promover contrastes e discordâncias no interior dos grupos, sendo essas situações expressivas, pautadas pela escuta, diálogo e o respeito pelo outro.

Inicialmente, demarcamos espaços no quadro negro com base nas categorias concordo, discordo e não tenho certeza. Assim convidamos as crianças a se posicionarem ao fundo da sala aguardando, de pé, os próximos comandos da brincadeira. A ideia inicial era a de que os alunos escutassem diferentes frases que abordavam a problemática proposta, refletindo, então, qual espaço melhor correspondia a seus entendimentos, para só então

*Eu e o outro: um relato de experiência sobre o trabalho pedagógico escolar com às
semelhanças e diferenças individuais*

correrem, ocupando-os. Com todos os alunos posicionados, as primeiras reflexões foram colocadas e, ao término da discussão, era prevista a troca de lugares. Fez-se necessário a colocação de algumas das frases trabalhadas com os alunos, seguidas de pequenas, mas marcantes, situações ocorridas, bem como as possíveis problematizações alçadas na literatura consultada.

“Homem que é homem, e mulher que é mulher”

O percurso da dinâmica inicia-se com o debate acerca de frases socialmente estereotipadas, quanto ao ser e agir atribuídos a homens e mulheres, tais como: “Homem que é homem não chora” e “Lugar de mulher é em casa”. Em consonância com as discussões construídas em sala de aula, foram postos conceitos acerca das questões de gênero como: gênero, identidades simbólicas e sexuais considerando seus respectivos aspectos históricos e socioculturais.

Ao refletirmos sobre as construções sociais sejam de homens ou mulheres, deve-se manter em mente as diferenças as quais a sociedade atribui quanto aos respectivos e distintos papéis. Em Ferreira (1988, p.140), temos que:

a posição homem/mulher se justifica a partir do biológico, a diferença masculino/feminino tem uma carga cultural muito forte, prendendo-se com um imaginário, com uma ideologia, com representações que determinam nitidamente aquilo que é característico de homens e aquilo que cabe às mulheres, identificando-se com as normas dominantes (embora variadas) das diferentes sociedades.

Neste caso, o posicionamento predominante e insistente da representação social dialoga com outro item de destaque, o estereótipo de uma natureza segmentada e distinta dos gêneros. Trabalhar com as questões de gênero é problematizar a sociedade e os sujeitos que a integram e nada mais intimamente social que o termo cultura. Para Eagleton (2005, p. 17) a cultura pode ser compreendida como uma “pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política ao liberar o eu ideal ou coletivo escondido dentro de cada um de nós, um eu que encontra sua representação suprema no âmbito universal do estado”.

Neste contexto de gênero, o androcentrismo constrói uma cultura propriamente destinada às mulheres, denominada de “cultura feminina” que age como um modelo social a ser seguido quanto a distintas condutas, valores e práticas aceitas socialmente. Este modelo de mulher - correta, dona do lar e cuidadora da prole e de seu marido - é reproduzida e aprendida, a grosso modo, por todas as instituições sociais, familiares,

coletivas e educativas, embrenhando-se na sociedade. O papel das diferentes instituições sociais para com as formações dos sujeitos foi amplamente discutido com os membros dos grupos, nesse sentido. De acordo com Casco (2010, p. 76), logo ao chegarem às instituições escolares, as crianças trazem consigo visões de mundo construídas por diferentes indivíduos, em especial aqueles que provém de suas famílias. Sendo que “os modelos de homem e de mulher são considerados absolutos e são a base para suas ações no mundo público, notadamente na escola”.

Em uma das salas de sexto ano, um dos alunos afirmou que concorda com a frase que concebe a mulher como ser destinado unicamente ao interior do lar. Quando questionado pelos demais alunos do porquê de sua resposta, ele relatou que cresceu com os preceitos de sua família e religião, âmbitos que compreendiam as mulheres de tal forma. Pautado em Casco (2010), o conflito foi mediado e fundamentado na discussão sobre os direitos, valores democráticos, igualitários e de respeito às diversidades. O intuito naquele momento foi promover durante a intervenção um diálogo significativo junto aos alunos, em especial o que se colocava de maneira contrária aos demais. No transcorrer do debate, todos puderam entender a perspectiva de seu colega - ele foi apresentado a novas percepções que pudessem fazê-lo refletir.

Corpo, esporte e gênero

Durante a atividade, ao voltar ao contexto do campo de pesquisa, as seguintes frases foram abordadas aos alunos da escola: “Existem esportes que são mais indicados para meninos e outros que são mais indicados para meninas” e “Os meninos são melhores no esporte porque são mais fortes que as meninas”. No desenvolvimento da dinâmica, levamos o entendimento de uma conjuntura social que educa corporalmente meninos e meninas de maneiras dissemelhantes.

No caso, as diferenças das atividades corporais e práticas esportivas, estão vinculadas às concepções de gênero vividas pelos sujeitos que ditam o “aceitável” e o “inaceitável” a ambos os sexos. Exemplos evidentes dessas diferenças nas concepções de gêneros podem ser observadas em locais onde outrora constituídos apenas pelo sexo masculino, como exemplo o futebol e/ou esportes de combate. Estes esportes passaram a ser socialmente aceitos aos homens somente, pois a eles cabe o espírito do guerreiro,

*Eu e o outro: um relato de experiência sobre o trabalho pedagógico escolar com às
semelhanças e diferenças individuais*

enquanto para as mulheres não, pois estas não possuem a força e o vigor necessários para aguentar as exigências das práticas.

Nas últimas décadas, o esporte tem se tornado cada vez mais difundido pela mídia e mais presente na vida das pessoas, de modo que nele está enrustida uma inquietude persistente quanto aos aspectos e valores sociais incutidos nas questões de gênero e sexualidade. O movimento e a forma são elementos essenciais do meio esportivo e, por conta disto, ele acaba por exteriorizar concepções de gênero relativas às formas padronizadas de masculino e feminino. No desenvolvimento da dinâmica levamos o entendimento de uma conjuntura social que educa corporalmente meninos e meninas de maneiras dissemelhantes visando o respeito o conhecimento sobre o outro.

Os espaços escolares, e sua relação com os sujeitos escolares

Outro tópico levantado na atividade com as crianças trabalhava o uso dos sentidos dos tempos e espaços escolares. Foi proposta a seguinte frase para análise: “Os meninos são melhores de bola do que as meninas, por isso devem ter prioridade no uso da quadra”, utilizada para o início do debate. A esse respeito, Souza e Knijnik (2007, p. 39) afirmam que: “O feminino e masculino ocupam espaços diferenciados em termos de poder. A associação naturalizada homem/masculino e mulher/feminino não deixa escolhas”. A diferença de espaços de homens e mulheres, enfatizada pelos autores neste recorte, reforça a ideia de pré-juízos e pré-conceitos que fazem parte do cotidiano e que ocupam quase todos os âmbitos sociais, inclusive o meio esportivo e escolar.

Ainda sobre o imaginário social vinculado ao uso do espaço e do tempo do local escolar da quadra, temos:

o espaço da quadra já vem embalado pelo esporte, amarrado por suas linhas. As imagens do desporto na mídia e o espaço valorizado pelo esporte masculino em detrimento do feminino, inundam o imaginário de todos, o que causa ainda um maior desequilíbrio nas ações (CASCO, 2010, p.79).

Muitas vezes, esse desequilíbrio é naturalizado pela própria ação docente que reforça usos indevidos dos espaços escolares e ou pouco fazem para mudar a realidade escolar sexista, considerando, pois, que a formação histórica sociocultural daqueles locais e dos seres que ali o ocupam guiam-se para a perpetuação dessas distinções. A reflexão docente, a busca por formação inicial e continuada e um planejamento que contemple o

debate da temática mostram-se imprescindíveis para boas práticas escolares de co-educação entre meninas e meninos.

Ainda sobre a prática docente e co-educação - neste caso o porquê das atividades corporais e práticas esportivas mistas na escola -, problematizamos as frases: “Meninos e meninas podem brincar juntos de qualquer coisa” e “Meninas e meninos podem formar grupos mistos para jogar qualquer esporte”. De acordo com Casco (2010, p.78), “começamos pelas regras no uso do tempo, do espaço físico e dos materiais das aulas. Não pode haver regras ou materiais diferenciados para meninos e meninas nas aulas de Educação Física”. O autor defende que no contexto das práticas esportivas, a solução para as diferenças é a própria diferenciação dos elementos que o formam - regras, tempos, espaços e materiais -, afirmando que só por isso o esporte trabalhado no interior da escola deveria ser totalmente diferente do oficial.

Como no estudo de Romero (2010), nas práticas mistas foram levantados os comportamentos negativos de ambos os sexos. Os meninos relataram que as meninas eram mandonas, delicadas demais, não se envolviam com a brincadeira e acabavam por tirar a “graça” da prática. Já as meninas reclamavam das posturas dos meninos, dos contatos bruscos e rudes para com seus corpos, e, principalmente, das reclamações dos meninos. As diferentes respostas estão atreladas aos seus papéis sociais.

Considerações Finais

Ao partir das vivências e intervenções extensionista durante a realização da dinâmica implementada, pode-se afirmar que para uma atuação dinâmica e igualmente competente faz-se necessário a formação inicial e continuada acerca dos estudos de gênero. As discussões acerca da temática são imprescindíveis e precisam estar presentes no planejamento e currículo escolar. A urgência no debate político escolar desses conhecimentos para os profissionais da educação é inegável, pois a escola, como local de pluralidade sociocultural, atua com uma gama de seres singulares.

Foram assuntos recorrentes nas discussões promovidas o uso e o sentido dos espaços e tempos escolares por ambos os sexos, a exemplo destas: a quadra, o pátio, a sala – em horários de aula, intervalo e saída. O andamento da dinâmica era pautado nos entendimentos de Casco (2010), que propõe essas discussões com base em valores democráticos, igualitários e de respeito às diversidades. Em consonância com estes debates, diferentes conceitos acerca dos

*Eu e o outro: um relato de experiência sobre o trabalho pedagógico escolar com às
semelhanças e diferenças individuais*

estudos de gênero foram problematizados, como: gênero, sexo, sexualidade, considerando seus aspectos históricos, sociais e culturais. A dinâmica problematizada no estudo foi significativa não apenas aos discentes participantes, como também por parte de seus ministrantes. Afinal qual seria a graça de um mundo onde todos nós fossemos iguais, onde a diversidade, pluralidade e os conflitos não existissem? Acreditamos que seria um mundo sem cores, sem sabores, distante da realidade atualmente compartilhada. Com as crianças, no dia de intervenção construímos um entendimento de que através de nossas singularidades, e no convívio com os demais, tornávamo-nos seres humanos únicos e diversos, ao mesmo tempo.

Referências

CARVALHO, Maria; ANDRADE, Fernando; JUNQUEIRA, Rogério. **Gênero e Diversidade Sexual: um glossário**. João Pessoa, Editora: Universitária/UFPB, 2009.

CASCO, Patrício. Mais e melhores práticas para inclusão de meninas na Educação Física escolar. In: KNIJNIK, Jorge. ZUZZI, Renata, organizadores. **Meninas e meninos na educação física: gênero e corporeidade no século XXI**. Jundiaí, Editora: Fontoura; 2010. p.73-85.

CASTRO, Mary. ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília, 2004.

CRESWELL, Jhon. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre. Editora: Artmed. 3ª Edição. 2010.

EAGLETON, Terry. **“A ideia de cultura”**. Tradução: Sandra Castello Branco. Revisão Técnica Cezar Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p.16.

FERREIRA, Maria. Mulher como o "outro": filosofia da identidade feminina. In: Ferreira, Maria organizador. **O que pensam os filósofos sobre as mulheres**. Lisboa: Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa; 1988. p. 139-53.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre - Artmed, p. 238-253, 2009.

GOELLNER, Silvana. et al. **Gênero e Raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre, Editora: Universitária / UFRGS, 2009.

LOURO, Guacira. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista, Rio de Janeiro, Editora: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**, 2º edição, Editora: Autêntica, 2001.

PLAN INTERNACIONAL. **Educação sobre Gênero na infância**: caderno de apoio do desafio da igualdade. São Paulo, 2016. 25 p.

ROMERO, Elias. As meninas babam o jogo e os meninos mandões. In: Knijnik, Jorge. Zuzzi, Renata organizadores. **Meninas e meninos na educação física: gênero e corporeidade no século XXI**. Jundiaí, Editora: Fontoura; 2010. p.126-127.

SOUZA, Juliana. KNIJNIK, Jorge. A mulher invisível: Gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.21, n.1, 2007. p.35-48.

Notas

ⁱ Projeto de extensão universitário, vinculado ao Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), lotado no Departamento de Planejamento e Administração do Ensino. Este coordenado, pela Prof. Dra. Léia Fernandes de Cássia Hegeto e Vice Coordenado pela Prof. Dra. Roberlayne de Oliveira Borges Roballo.

ⁱⁱ Ao longo do desenvolvimento do projeto de extensão foram desenvolvidos em diferentes momentos, “Encontrões Culturais e Esportivos” no interior da instituição parceira. Estes eram iniciados, coordenados e mediados por nossos integrantes - bolsistas e voluntários, além da participação de professores convidados para aplicação de diferentes oficinas. Tivemos colaborações de cursos de graduação como Pedagogia, Psicologia, Educação Física, e Química, estes vinculados às instituições de ensino superior UFPR e PUC-PR.

ⁱⁱⁱ Os nomes empregados ao aluno - (Marcus/Maria) são fictícios, com o intuito de resguardar o direito à privacidade deste sujeito escolar. Assim, poder compartilhar esta experiência, vivenciada nas ações do projeto.

^{iv} A Plan International é uma organização não governamental que trabalha em 71 países para promover os direitos das crianças. Com foco na promoção de práticas pedagógicas que se pautem a uma igualdade de gênero, desde 2011, concentram-se na mais tenra idade.

^v #DesafioDaIgualdade, uma iniciativa criada para conscientizar as pessoas sobre a importância de se debater e praticar uma educação sobre gênero que promova a igualdade entre meninos e meninas.

Sobre os autores

Kevin Lino de Oliveira

Desenvolveu esta pesquisa como bolsista junto ao projeto de extensão universitário: “Planejamento na Organização do Trabalho Pedagógico Escolar (DEPLAE/UFPR), na UFPR nos anos de 2017-2018. Possui graduação em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é mestrando em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.

E-mail: kevin-lion13@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3932-1122>

Léia de Cássia Fernandes Hegeto

Doutorado em Educação realizado no programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) na linha de Cultura Escola e Ensino. Possui mestrado em Educação (UEM) e graduação em Pedagogia (UEM). Professora Adjunta A do Setor de Educação, Departamento de Planejamento e Administração Escolar (DEPLAE), da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua no curso de Pedagogia da UFPR.

*Eu e o outro: um relato de experiência sobre o trabalho pedagógico escolar com às
semelhanças e diferenças individuais*

E-mail: leiahegeto@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1388-9561>

Recebido em: 21/12/2020

Aceito para publicação em: 25/01/2021